

Castas Ilustradas: Representação de Mestiços no México do Século XVIII

RICARDO LEME SANTELLI*

A partir do século XVI, inicia-se o uso de uma série de nomes para designar as diferentes combinações raciais surgidas nas colônias espanholas, sendo mais difundidos aqueles que descreviam as mesclas entre os três grupos principais: mestiço (espanhol e índio), mulato (espanhol e negro) e zambo ou zambaigo (negro e índio). Durante o século XVIII, apareceram designações adicionais: castizo (mestiço de pele clara) e mourisco (mulato de pele escura). Existem vários documentos que registram classificações artificiais que incluem termos de inspiração animal, como lobo e coyote, assim como outros que aludem à indeterminação racial de certas mesclas, incluindo “tente en el aire” e “no te entiendo”. Este tipo de sistema de classificação se propunha, ao menos sob o ponto de vista ideológico, a exaltar a suposta superioridade espanhola. O século XVIII presenciou, no México, um crescimento das delimitações sociais como consequência da inevitável mestiçagem, porém também, como resultado da mudança da distribuição de riquezas.

Para a elite colonial, este sistema de classificação era uma forma de impor ordem na sociedade que se tornava cada vez mais inclassificável. A produção dos quadros de mestiçagem¹, estilo pictórico que representava os diversos tipos humanos provenientes dos cruzamentos raciais entre brancos, índios e negros na recém-formada sociedade colonial, teve sua produção surgida na segunda metade do século XVIII.

Os quadros de mestiçagem buscavam descrever o avanço da mestiçagem e a vida cotidiana produzida na Ibero-América. A maioria destas pinturas formam séries de 16 a 20 cenas, representando, em cada quadro, um homem e uma mulher de diferentes grupos com seu descendente, resultado da mescla entre eles. Cada uma das personagens é identificada através de uma legenda descritiva. Essa manifestação artística se deu principalmente na Nova Espanha, de onde provêm quase todas as séries de pinturas

* Ricardo Leme Santelli é mestrando do Programa de Pós Graduação em História Social (PPGHIS) do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Iniciou o curso em 2011/1, sendo bolsista do CNPq e orientado pela Prof^a. Dr^a. Juliana Beatriz Almeida de Souza.

¹ Quadros de mestiçagem e pinturas de castas são sinônimos e sua utilização é de livre escolha do autor.

conhecidas. Foi também naquela região que surgiu o conceito de *castas*², nome genérico utilizado para identificar os vários tipos mestiços ali presentes e indicar sua posição sócio-econômica.

A presença espanhola no começo das séries e as representações de família criavam uma unidade dentro da hierarquia, promovendo um sentimento de domesticação que servia para atenuar as tensões sociais. Um dos possíveis fatores que contribuíram para a criação deste gênero pictórico foi à ameaça ao sistema imperial espanhol, encarnada, segundo a elite *criolla*, na emergência das castas. A ênfase da Coroa espanhola sobre a heterogeneidade social da Nova Espanha objetivava que cada grupo ocupasse seu próprio nicho sócio-econômico.

Este trabalho pretende demonstrar, considerando a mestiçagem enquanto fenômeno biológico, social e cultural, a sua relevância na formação das sociedades hispano-americanas, sendo fundamental como traço distintivo entre o novo e o velho mundo. Além disso, buscaremos relacionar a disseminação das pinturas de castas com a grande hierarquização presente na Nova Espanha, imprescindível para a manutenção do sistema imperial. Os quadros de mestiçagem são obras que nos permitem compreender a sociedade e os costumes coloniais.

A chegada dos europeus ao continente que viria a ser chamado de América é considerada por muitos o acontecimento mais extraordinário da História. Naquele final do século XV, os europeus se viram diante de um “outro”, ou seja, de uma natureza e de povos totalmente diferentes. Para muitos, era o *paraíso*³: terra da beleza, da riqueza, dos prazeres, enquanto para outros representava o inferno: terra da morte, da selvageria e do pecado.

É impossível falar de América ibérica sem falar de mestiçagem. O processo de mestiçagem decorrente do contato sexual entre os três grupos, espanhóis, índios e negros, e seus respectivos descendentes, gerou uma diversidade biológica, cultural e etnográfica jamais vista em outro momento histórico. A formação das sociedades coloniais hispano-americanas foi marcada, em um primeiro momento, pela diversidade de componentes étnicos, culturais, religiosos e pela predominância da instabilidade.

² Por isso este estilo pictórico também ficou conhecido como pinturas de castas.

³ Sérgio Buarque de Holanda observa que o mito edênico ganhou força com a descoberta do Novo Mundo, apesar de ser uma idéia que circulava na Europa desde a Idade Média. A crença da existência de um *paraíso* na terra, segundo o autor, acabou influenciando fortemente a colonização da América.

A criação de conexões entre os grupos só foi possível graças aos múltiplos processos de mestiçagem de seres e imagens. Mestiçagem, portanto, não só étnica, mas, sobretudo, cultural, como resposta adaptativa ao caos da conquista e aos planos de dominação. A convivência na América, distante do universo europeu, com o qual estavam familiarizados, fazia com que os espanhóis se desapegassem de costumes e crenças que antes seguiam. Desse modo, ocorria o chamado *extrañamiento de tierra*, uma vez que eram obrigados a conviver com hábitos e realidades completamente novos e a agir de forma inaceitável para os padrões tradicionais do Velho Mundo. É necessário ressaltar que o estranhamento foi recíproco, sendo sentido também pelos nativos no convívio com “seres estranhos de origem misteriosa” (GRUZINSKI, 1994: 157) e com os objetos e animais trazidos.

O contato sexual gerou uma população de mestiços de presença significativa no campo social que, por vezes, auxiliou na diminuição das dificuldades de comunicação verbal e aquelas advindas dos efeitos do *extrañamiento de tierra*, além de apoiar no processo de expansão e na ocupação de novos territórios americanos.

A primeira geração de mestiços foi, em geral, aceita como espanhola, fossem oriundos de casamentos mistos ou frutos de concubinato. É válido destacar que essa primeira geração, fortemente ligada ao grupo paterno, desempenhou parte ativa nas últimas etapas da conquista. No entanto, existiram exceções e alguns mestiços da primeira geração se juntaram ao grupo materno. Mas este fenômeno não se limitava aos mestiços. Alguns poucos espanhóis de pura linhagem também se juntaram e assimilavam a cultura indígena.

De todo modo, com a conquista, se iniciou um intenso processo de cruzamento entre europeus e ameríndios. Entretanto, o estudo preciso da evolução das taxas de reprodução desta população mestiça torna-se problemática devido à inexatidão dos documentos e registros históricos existentes, devido a diversas questões como a condição de ilegitimidade jurídica de grande parte dos filhos de espanhóis e nativos, em sua maioria frutos de relações extraconjugais.

O aumento da mestiçagem provocou preocupação à Coroa espanhola. Em 1533, uma Cédula Real ordenava que os filhos de espanhóis com índias deveriam ser encaminhados às casas de seus pais, junto com suas mães, para receberem educação cristã. A Igreja católica via os mestiços, por causa da sua origem, em geral, ilegítima,

como um grupo social suspeito. Com o seu crescimento, sua imagem se deteriorou ainda mais e lhes foi atribuída propensão à desordem. Os setores dominantes, portanto, passaram a ver os mestiços como uma ameaça à ordem social e o argumento da desqualificação foi cada vez mais usado no intuito de diminuir o peso crescente do grupo nas sociedades coloniais.

A formação do sistema de casta, chamado de “pigmentocracia”⁴ pelo etnólogo chileno Alejandro Lipschütz, teria sido uma das principais vias de união entre os espanhóis e as índias, já que estas preferiam “amancebar-se” com um espanhol a unirem-se legalmente com um índio. Este sistema havia se formado em consequência ao domínio econômico e político da Conquista, quando os espanhóis se colocavam social, econômica e politicamente como a primeira categoria social.

O avanço da mestiçagem seria menos notado se as massas indígenas continuassem sendo tão numerosas como, evidentemente, foram antes do contato com os europeus. Para marcar a importância da mestiçagem, durante os séculos XVI e XVII, devemos ter em mente que a declinação populacional foi rápida e brutal sobre os nativos. Em 1570, apenas 3,5% da população era representada por brancos, negros e mestiços, enquanto, em 1650, este número cresce para 19%. Entretanto, segundo cálculos de historiadores, a população nativa cai vertiginosamente no México central.

As causas principais do declínio demográfico foram as enfermidades importadas, ou seja, o choque microbiano⁵: a varíola, o tifo, o sarampo e a gripe. Ao contrário dos povos que já conviviam há séculos com essas doenças, os ameríndios não haviam desenvolvido nenhuma resistência contra estas enfermidades. A epidemia de varíola, introduzida no México por um africano, em 1520, causou aniquilamento até entre índios que não haviam entrado em contato com espanhóis. De modo similar, as enfermidades européias chegaram ao Peru e podemos constatar que a baixa populacional ocorrida, entre 1568 e 1580, na Nova Espanha, foi produto de uma epidemia de febre tifóide.

A malária, o tracoma e a febre amarela foram trazidos para a América através de escravos negros que freqüentemente eram vítimas da disenteria. Como destacou Alfred

⁴ O lugar ocupado por um indivíduo na escala social a partir de sua cor de pele.

⁵ Introdução de doença contra as quais as populações nativas não possuíam defesas orgânicas, o que, no caso da América, provocou grandes baixas demográficas.

Crosby, “las enfermedades mortales del Viejo Mundo lo eran más aun en el Nuevo, y los males relativamente benignos de Europa resultaron asesinos en América” (CROSBY, 1972: 37). Entretanto, não podemos atribuir a baixa populacional indígena apenas às doenças e temos que considerá-las também como vítimas de violência por parte dos colonizadores. Seja como for, a sífilis e outras enfermidades venéreas se difundiram muito rapidamente no Novo Mundo, caminhando juntamente ao processo de mestiçagem. No Brasil, Gilberto Freyre já destacava a rapidez com que os nativos morriam através do contato com a bactéria da sífilis e usou a expressão *sifilização* em contrapartida à palavra civilização.

Na década de 1570, na América Espanhola, foi promulgada uma série de restrições aos direitos dos mestiços, entre elas a proibição de viver entre os indígenas e o direito de serem soldados. Entretanto, o ordenamento de mestiços como sacerdotes é mantido, visto que existia uma grande necessidade de haver, na Nova Espanha, sacerdotes que conhecessem o idioma dos nativos. Por outro lado, os mulatos e os negros livres também sofriam as restrições de pessoas de nascimento ilegítimo. No entanto, os indivíduos africanos demonstraram valor militar e, pouco a pouco, começaram a ser recrutados para as unidades especiais. Neste contexto, os mulatos eram chamados de pardos e os negros de morenos.

A Coroa seguiu uma política cuja finalidade era separar seus súditos índios dos restantes. O ponto de partida desta política era o conceito de duas Repúblicas, a República dos espanhóis e a República dos índios, caracterizando assim uma grave política de segregação e gerando problemas jurídicos específicos que vieram a emergir na sociedade a partir de finais do século XVI.

Foi neste momento que surgiu o conceito de *castas*⁶, nome genérico utilizado para identificar os vários tipos mestiços ali presentes e indicar sua posição sócio-econômica. Na estratificação social ou de castas estabelecida na América Espanhola se conjugaram principalmente três valores sociais ou elementos como notas distintivas de cada estrato ou casta: o elemento racial, o elemento econômico e o elemento cultural. Do ponto de vista das atividades econômicas, para as castas intermediárias, sobraram os ofícios manuais ou o trabalho nas terras dos *criollos* e até mesmo, muitas vezes, nas terras coletivas indígenas.

⁶ Palavra de origem ibérica medieval aplicável a todo tipo de grupo humano.

A produção dos quadros de mestiçagem, estilo pictórico que representava os tipos humanos provenientes dos cruzamentos raciais entre brancos, índios e negros nas recém-formadas sociedades coloniais, teve sua produção incrementada na segunda metade do século XVIII. Estes quadros buscam representar o complexo processo de mestiçagem produzido na Ibero-América. A maioria destas pinturas se compõe de 16 cenas, representando, sempre em quadros isolados, um homem e uma mulher de diferentes raças com um descendente, identificando a mescla racial representada.

Os quadros de mestiçagem representam o maior expoente das representações plásticas do processo de mestiçagem e da diversidade racial que foi gerada no continente americano. O desenvolvimento das pinturas de castas pode ser relacionado, de todo modo, ao entendimento de que as diferenças raciais foram utilizadas, na América hispânica, como parte das estratégias de controle social. A valorização da limpeza de sangue, importante elemento de distinção na Espanha moderna, foi levada à América, recaindo sobre índios e negros discriminação semelhante àquela sofrida por judeus e mulçumanos na Península Ibérica.

As séries seguem uma progressão taxonômica: a princípio representam homens de raça pura (espanhóis), luxuosamente vestidos e desempenhando funções que apontam sua privilegiada classe social. Conforme aumenta a mescla racial das famílias, seu *status* social diminui. Além de representar uma tipologia das raças humanas e suas ocupações, os quadros de mestiçagem incluem um rico sistema de classificação de objetos, alimentos, flora e fauna americanos, identificados por meio de legendas.

Um dos fatores que contribuíram para a criação deste gênero pictórico foi o receio de uma possível perda do controle da população, a qual preocupava grandemente as autoridades espanholas. A ênfase da Coroa espanhola sobre a heterogeneidade social da Nova Espanha não implicava numa coexistência harmônica entre as diferentes raças, servindo apenas para que esta sociedade continuasse fortemente hierarquizada e que cada grupo ocupasse um próprio nicho sócio-econômico.

Não é possível apontar quem encomendou as primeiras pinturas de castas, mas sem dúvidas elas foram produzidas para um público majoritariamente espanhol e *criollo*. Desta forma, é importante observar que os quadros não distinguem espanhóis de *criollos*, valendo-se de um rótulo mais geral de espanhol para se referir a ambos os grupos.

Os estudos realizados, desde finais do século XIX, contribuíram sobremaneira para identificação de séries, suas procedências, e seus possíveis autores. Assim, inicialmente, deve-se assinalar que as diferentes séries não correspondem a réplicas de um primitivo modelo. Não há correspondência exata entre os tipos mestiços representados, assim como há notáveis diferenças de estilo.

Os trabalhos referentes aos quadros de mestiçagem tiveram alguns destaques específicos. O primeiro a ser ressaltado foi à tentativa de se definir a porcentagem de sangue puro, ou seja, sangue espanhol, existente em cada um dos tipos de mestiços identificados. Tais pesquisas estiveram, em sua maioria, acompanhadas por tabelas demarcando os diversos graus de mestiçagem, imbuindo os estudos, dessa forma, de um valor etnográfico através da identificação nominal dos mestiços e de sua camada e espaço social, além dos objetos de cultura material próprios de suas castas.

A outra ênfase dada a tais trabalhos foi a busca pela função original destas pinturas. O trabalho de Blanchard sustentava que as pinturas serviam para distinguir as várias castas. Sob tal enfoque, Barras de Aragón e Moreno Navarro buscaram enquadrar as pinturas de castas no contexto do Iluminismo, enquanto García Saíz afirmou que o interesse dos espanhóis pelas pinturas de castas era motivado, principalmente, pelo exotismo tipicamente atribuídos aos mestiços americanos.

Um terceiro ponto presente nas avaliações dos estudiosos é a percepção dessas pinturas como fragmentos da vida cotidiana colonial. Nesse sentido, foi possível apontar as pinturas de castas como uma descrição da realidade. Entretanto, não faltou quem destacasse, como Magnus Mörner, que tais obras estavam mais ao gosto do estilo pictórico do século XVIII do que de um esforço sistemático de apresentar a realidade social da América espanhola.

Para aceitarmos que as pinturas de castas respondiam aos interesses da elite espanhola e *criolla*, compreendemos por que o conceito de hierarquia, como elemento imprescindível para garantir a subsistência de qualquer sistema imperial, se torna o tema principal dessas obras. Por isso, o desejo de preservar uma sociedade hierarquizada foi o que levou o arcebispo Lorenzana⁷ a recomendar a sacerdotes recém-chegados a importância de manter uma rigorosa classificação da população e recomendar que os índios contraíssem matrimônios com índios puros, espanhóis ou castizos e, além disso,

⁷ Arcebispo do México entre 1766 e 1772 e proprietário de diversas séries de pinturas de casta.

que não se misturassem com diferentes classes que “perturbavam” a paz dos povos (SOUZA, 2008).

Uma contribuição significativa para a compreensão do processo de mestiçagem através da interpretação e análise dos quadros de mestiçagem é a grande quantidade de representações das mais variadas indumentárias de época, dos ofícios desempenhados por seus protagonistas, do mobiliário e objetos domésticos e, finalmente, de elementos da fauna e da flora ibero-americanas.

A ambientação cenográfica que cada autor cria como pano de fundo dos personagens centrais não foi fruto de uma mera causalidade. Os autores deste gênero pictórico tinham uma intenção prévia de mostrar parte do mundo que os rodeava, e neste sentido Joaquín Magón é um dos pintores de maior plenitude. No que se refere às representações dos ofícios desempenhados pelos protagonistas dos quadros, há sempre uma clara hierarquização dos ofícios, sendo os melhores deles desempenhados por espanhóis ou descendentes de sangue mais espanhol que mestiço, e os de menor valor sendo desempenhados por descendentes com maior quantidade de sangue negro e mestiço.

O papel da mulher é bem distinto, seu trabalho se desenrola dentro do ambiente familiar, subjugada à figura masculina. Podemos encontrá-las realizando trabalhos domésticos como costura, preparando alimentos na cozinha ou mesmo apenas acompanhando seu marido e seu descendente numa típica representação da intimidade familiar. Porém, à medida que a mescla de sangue aumenta e, conseqüentemente, há uma diminuição na escala social, a mulher aparece colaborando com o marido, desempenhando funções como vendedora ambulante, tecelã, ou se limitando a acompanhar seu marido em sua função, apontando-nos uma clara dependência à figura masculina. A mulher espanhola, poucas vezes, aparece, devido ao seu pequeno espaço no processo de mestiçagem. Entretanto, a mulher índia ou de outras castas distintas da espanhola, são representadas em trajes de corte europeu com elementos de tradição indígena. Por outro lado, a riqueza das jóias que portam também são indicativos do lugar social que ocupam. O tema da violência doméstica também é freqüentemente abordado pelos autores.

Outro aspecto importante a destacar são os variados objetos que, como alimentos, flores ou fauna, aparecem nos quadros com o intuito de representar a riqueza

e a variedade dos produtos do continente, produzindo, assim, uma imagem de abundância e diversidade. Deste modo, os pintores representam, quase sempre, flores desconhecidas na Europa, que se situam sobre uma mesa ou nas mãos das mulheres e crianças. Outros produtos de caráter alimentício também são representados, alguns crus como frutas, legumes e verduras, e outros cozidos, como tortas e pães, marcando a grande variedade alimentícia no Novo Mundo. Pequenos animais e papagaios desconhecidos dos espanhóis são, também, representados adornando a cena central da família. Para finalizar, não podemos deixar de mencionar o mobiliário existente nas imagens, como mesas, cadeiras, baús, vasos, entre outros.

As imagens formam parte importante da cultura ocidental. Estas se constituem como parte fundamental da comunicação humana, fazem parte dos nossos imaginários, são capazes de transmitir sentimentos e conteúdos intelectuais. A iconografia neste estudo histórico pode se justificar na medida em que podem auxiliar a compreender um pouco mais das sociedades coloniais.

Para a interpretação dessas pinturas as indicações de E. Panofsky, tomando as imagens como documentos culturais, deverão ser valorizadas. Panofsky propõe um esforço de aprofundamento da explicação das obras de arte, ultrapassando a percepção da destreza do artista, o uso de cores, as formas ou estilos, mas entendendo-as como produtos sociais. Panofsky, dessa maneira, apontava a necessidade de mais que fazer uma simples descrição e classificação dos diferentes temas, adotar uma perspectiva em que se averiguava, a partir dos temas escolhidos pelos artistas, o significado das obras. Em geral, é utilizado o método histórico de crítica interna de fontes e se busca cruzar os documentos com contexto histórico, ressaltando os conflitos, tensões e a montagem da estrutura social.

Serge Gruzinski considera que a formação das sociedades coloniais foi marcada, em uma fase inicial, pela diversidade de componentes étnicos, culturais, religiosos, pelo comando limitado ou nulo das autoridades centrais, pela predominância da instabilidade, da mobilidade e da irregularidade. Essa experiência de um mundo fraturado consagrou a predominância da “recepção fragmentada”, uma vez que a conquista desencadeou a perda e a dissolução das referências ibéricas, ameríndias, africanas, levando também à elaboração de novas. A cidade do México foi palco

privilegiado dessa vivência “fractal”, pois coexistia nela um mundo antigo em destruição e um novo em processo de construção.

Esses mundos fragmentados somente conseguiram conectar-se graças aos múltiplos processos de mestiçagem de seres e imagens. Tanto os nativos quanto os espanhóis tiveram que elaborar novas fórmulas de comportamento e de convivência que resultaram na combinação, adição ou justaposição de elementos retirados dos universos que estavam em contato, adquirindo novos significados e valores. Porém, a mestiçagem não pode ser reduzida a adição ou a justaposição, pois caracteriza-se por gerar formas culturais novas. Ao mesclar referenciais culturais, impressões e informações recebidas de meios diversos, os indivíduos e os grupos experimentaram uma mutação mental que foi marcada por uma destreza perceptiva acentuada e uma grande capacidade de difusão.

Percebe-se assim que a experiência da mestiçagem transformou o espaço americano em algo completamente novo e original, distinto tanto da ordem colonizadora como da colonizada, separando irremediavelmente a trajetória do Novo Mundo da história da Europa. Para Gruzinski, “puede parecer paradójico que una importación arcaica de Europa haya podido fomentar procesos tan novedosos [...]” (GRUZINSKI, 1994: 169) que ainda hoje afetem todas as sociedades do mundo.

A categoria de “mestiço” pode ser considerada englobante, quando inclui todas as mesclas, e específica, quando, por regra geral, se designa a filhos de pais espanhóis e mães nativas. Em muitos casos, o termo “mestiço” aparece como sinônimo de aculturação, porém reitero a percepção da mestiçagem como fenômeno biológico, social e, sobretudo, cultural, à medida que a partir dela geram-se novas formas culturais.

Porém, é importante observar que a definição dos grupos étnicos não pode ser efetuada somente a partir da cultura, embora esta entre de forma decisiva no processo de construção da etnicidade. As características que são levadas em conta “não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes”. Assim, o conteúdo cultural pode ser de duas ordens: traços diacríticos como o vestuário, moradia ou estilo geral de vida; e orientações de valores fundamentais, padrões morais pelos quais as ações são julgadas. “Nenhum desses tipos de ‘conteúdos’ culturais deriva de uma lista descritiva de traços ou diferenças culturais” (BARTH, 1998: 194).

No que se refere às pinturas de castas, vale lembrar o que diz Robert Darnton, os historiadores têm muito a ganhar “se pensarem nos simbolismos como polissêmicos, fluidos e complexos” (DARNTON, 1990: 289), considerando que a estética da miscigenação buscava criar uma ilusão a partir dos signos, caracterizados, por sua vez, pela infinita capacidade de passar mensagens. Assim, os quadros, mais do que possíveis descrições das mesclas entre tipos humanos representam a pulsão por integrar o que escapa ao sistema social vigente, potencializando as estratégias e instrumentos de conservação da ordem colonial. Segundo Chartier, a noção de representação vale tanto como algo que nos permite “ver uma coisa ausente” quanto à “exibição de uma presença” (CHARTIER, 1990).

O desenvolvimento dos quadros de mestiçagem pode ser relacionado ao entendimento de que as diferenças raciais foram utilizadas, na América hispânica, como parte das estratégias de controle social. Concebidos em um imaginário valorizador da limpeza de sangue, importante elemento de distinção da Espanha moderna, levado à América, os quadros de mestiçagem fazem parte de uma linguagem artística do barroco. Assim, os quadros, mais do que possíveis resultados da mescla entre tipos humanos ilustram a pulsão por integrar o que escapa ao sistema social vigente, potencializando as estratégias e instrumentos de conservação da ordem colonial.

Bibliografia:

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa, Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1985. vol. 5: Antropos – Homem.

BERNAND Carmen. Los híbridos en Hispanoamerica.: un enfoque antropológico de un proceso histórico. In: BOCCARA, Guillaume & GALINDO G., Sylvia. Logica mestiza em America. Temuco: Instituto de Estudios Indígenas, 2000.

_____. Negros esclavos y libres en las ciudades hispano americanas. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001.

_____. De lo étnico a lo popular: circulaciones, mezclas, rupturas. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, n. 6, 2006.

BOXER Charles R.. A Igreja e a expansão ibérica (1440 - 1770). Lisboa: Edições 70, 1989.

CHARTIER R.. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.) A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. História cultural. Lisboa: Difel, 1990.

CROSBY, A.. The Columbian Exchange. Biological and Cultural Consequences of 1492. Westport: Connecticut Greenwood Press, 1972.

DARNTON, R.. O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FREYRE, G.. Casa-Grande e Senzala. 28ªed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GARCÍA SÁIZ, María Concepción. Las castas mexicanas. Un género pictórico americano. Milani: Olivetti, 1989.

_____. La pintura colonial en el Museo de América (I): La escuela mexicana. Madrid: Ministerio de Cultura, 1960.

_____. La pintura colonial en el Museo de América (II): Los encochados. Madrid: Ministerio de Cultura, 1980.

GRUZINSKI, S.. La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI - XVIII. México, F C E, 1991.

_____. La guerra de las imágenes. De Cristóbal Colón a "Blade Runner" (1492 - 2019). México, FCE, 1994.

_____. Las repercusiones de la conquista: la experiencia novohispana. In: BERNAND, Carmen (org.). Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años. México, FCE, 1994.

_____. Do barroco ao neobarroco: fontes coloniais dos tempos pós modernos. O caso mexicano. In: CHIAPPINI, L., AGUIAR, F. W. de (orgs.). Literatura e História na América Latina. São Paulo: Edusp, 1993.

_____, BERNAND, Carmen. História do Novo Mundo. São Paulo: Edusp, 1997 - 2006. v. 1 e 2.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. Visão do paraíso. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KATZEW, Ilona. Pintura de castas. Madrid: Turner, 2004.

LIPSCHUTZ, Alejandro. El problema racial en la conquista de América. 3ª ed. México: Siglo XXI, 1975.

MARAVALL, José António. A cultura do barroco: análise de uma estrutura histórica. São Paulo: Edusp, 1997.

MORENO NAVARRO, Isidoro. Los cuadros del mestizaje americano. Estudio antropológico del mestizaje. Madrid: Ediciones Jose Porruas Turanzas, 1973.

MÖRNER, Magnus. La mezcla de razas en la Historia de América Latina. Buenos Aires: Paidós, 1967.

_____ et alli. El mestizaje en la Historia de Ibero-América. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia/Comisión de Historia, 1961.

PANOFSKY, E. Estudos de iconologia. Temas humanísticos na Arte do Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

PÉREZ HERRERO, Pedro. La América colonial. (1492 – 1763) Política y sociedad. Madrid: Editorial Síntesis, 2002. (Historia de España. 3^{er} Milenio, n. 18).

POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART J.. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

SOUZA, Juliana Beatriz A. de. Antonio de Lorenzana y los mestizos en México colonial. In: Veronica Salles-Reese e Carmen Fernández-Salvador (org.). Autores y Actores del Mundo Colonial. Nuevos Enfoques Multidisciplinarios. Quito: CASO (Georgetown University)/Universidade São Francisco de Quito (UFSQ), 2008.

TODOROV, T. A conquista da América. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.